

# SELEÇÕES

TOMO XXI  
Nº 124

do Reader's Digest

MAIO  
de 1952

*Condensações de artigos de interesse permanente*



*Uma pungente passagem da vida de uma atriz famosa*

## NA HORA MAIS AMARGA—

### A ESPERANÇA!

*(Condensado de «True Experience»)*

Por Helen Hayes

*Atriz americana do palco, cinema e rádio*

**T**ODOS OS ANOS, no dia de Ano-Bom, o correio me traz um presente que vem embrulhado em papel pardo comum, mas que é para mim de valor inestimável. O embrulho vem do casal Isaac Frantz, de Brooklyn. Para se compreender quanto vale êsse presente é preciso saber alguma coisa a respeito dos Frantz.

Estas duas pessoas entraram na minha vida em 1949, logo depois que minha filha Mary morreu de paralisia

infantil\* e eu andava torturada por uma pergunta que não tem resposta: Por quê? Mary era tão bonita e talentosa, tão nova e inocente! Por que lhe acontecera aquilo? Para mim a sua morte foi cruel e sem sentido.

\* Mary MacArthur, filha de Helen Hayes, espôsa do autor Charles MacArthur, morreu aos 19 anos quando iniciava uma carreira teatral promissora. Mary trabalhava com sua mãe numa nova peça que se apresentava em pré-estréia antes de ser levada na Broadway, e que seria o seu *début* em Nova York, quando sofreu um ataque fatal de poliomielite.

Era aquêlê um aniquilador estado de espírito, porquanto uma artista precisa de acreditar que a vida encerra certa beleza e significação. Ora, eu não podia criar beleza ou significação no palco, se dentro de mim não existia nenhum dêsses sentimentos. Então, para me salvar comecei a procurar Deus. Li S. Tomás de Aquino, estudei a vida e as obras de Gandhi, li a Bíblia. Mas de nada me valeu a minha busca. Minha filha estava morta! Êste fato brutal me esmagava, anuviava-me o coração.

Durante todo êsse período não aceitei qualquer compromisso profissional ou social e sòmente recebia pessoas de minha família e os mais íntimos da casa. Mas no isolamento a que me condenei, fui informada de que um certo Sr. Isaac Frantz telefonava quase todos os dias, tentando comunicar-se comigo. Afinal, meu marido conversou com êle e me transmitiu o assunto da conversa.

—Êle acaba de perder um filhinho, vítima de paralisia infantil, e parece acreditar que uma entrevista da mulher dêle com você faria bem a ela.

—Oh, Charles, por favor! Não tenho fôrças para dar à pobre mulher; as que ainda me restam mal chegam para mim. É simplesmente impossível.

—Claro, querida. Foi isso mesmo o que eu disse ao homem, respondeu o meu marido.

Mas Isaac Frantz continuou a telefonar, e finalmente concordamos em deixá-lo trazer sua mulher à nossa casa.

Procurei fortalecer-me para enfrentar a dura prova.

Quando os dois chegaram, nos seus melhores trajes domingueiros, estavam um tanto constrangidos, mas mantinham uma dignidade serena que superava a penosa falta de naturalidade. Avistar-se conosco cara a cara exigia grande coragem. Eu e Charles procuramos pô-los à vontade.

Foi então que entendi o motivo da visita do casal. A idéia partira do marido, e êle havia arranjado tudo sem o conhecimento da espôsa. Era tal a sua certeza de que um encontro seria benéfico à espôsa, que resolveu solicitá-lo. A Sr<sup>a</sup> Frantz ficou apavorada quando soube que estava tudo combinado, mas inteirada igualmente das dificuldades que seu marido teve de vencer e da importância que êle atribuía à entrevista, acedeu em aparecer. Cada qual procurava servir ao outro num momento difícil.

Os Frantz possuíam uma modesta papeleria e tinham necessariamente de lutar pela vida. Eu e Charles nunca havíamos conhecido outra coisa que não fôsse o triunfo, a fama, o luxo. E eis que nós quatro, de súbito, passamos a ter uma coisa em comum—a trágica perda de nossos filhos.

A Sr<sup>a</sup> Frantz começou logo a falar no filho com a maior naturalidade, e eu, antes de saber bem o que ia acontecendo, achei-me absorvida em contar histórias de Mary. E um olhar meu, dirigido de relance a Charles, que se mostrava muito admirado, me fêz perceber que eu estava mencionando

o nome de nossa filha pela primeira vez desde a sua morte. Eu havia retirado do esconderijo a recordação de Mary, e com isso me sentia melhor.

Foi quando a Sr.<sup>a</sup> Frantz nos falou na sua intenção de adotar um órfão de Israel, e eu fiquei momentaneamente escandalizada.

—A senhora está pensando que eu vou deixá-lo tomar o lugar do meu filho, não é assim? perguntou ela delicadamente, adivinhando o meu pensamento. Ninguém jamais poderia fazer tal coisa. Mas no meu coração há ainda amor, e talvez bom discernimento também. Deverei eu deixar que êsses sentimentos sequem, ou que se percam por falta de uso?

—Eu... realmente eu não sei, Sr.<sup>a</sup> Frantz, respondi.

—Não, minha amiga, nós não podemos morrer porque os nossos filhos morreram. Eu não devo amar menos por ter desaparecido aquêle que eu amava; antes, devo amar ainda mais, porque o meu coração conhece o sofrimento dos outros.

Enquanto ela falava, eu ia pensando na minha filha. Mary tinha sido uma parte importante e admirável da minha vida. Muito embora essa parte não mais existisse, eu ficara sendo uma criatura melhor por ter tido Mary, por ter esperado e sonhado e trabalhado por ela. Era trágico que tudo aquilo tivesse terminado, mas era muito melhor do que

se nada daquilo houvesse existido.

Era isso que a Sr.<sup>a</sup> Frantz ia dizendo lá a seu modo. Era isso que eu agora entendia. Pensei então na ironia dos fatos: eu não tinha querido que a Sr.<sup>a</sup> Frantz viesse por temer que ela drenasse as minhas fracas reservas de energia; no entanto, era eu que me aproveitava das dela!

Quando, finalmente, o casal se levantou para despedir-se, compreendi por que motivo eu não tinha achado Deus antes. É que Êle não está nas páginas de um livro, mas no coração humano.

Depois disto nunca mais nos encontramos. Eu e Charles convidamos mais de uma vez a voltar, porém andavam sempre ocupados com a sua loja e com o novo filho. Creio que êles compreenderam que os nossos mundos estavam destinados a tocar-se apenas de leve.

Todos os anos, a partir daquela época, venho recebendo dêles na véspera de Ano-Bom uma caixinha de bombons envolvida em papel pardo de embrulho. Talvez agora o leitor compreenda por que razão essa pequena lembrança me é tão cara. Foi por intermédio dessa gente simples que eu aprendi a humildade, e o desígnio de Deus se me tornou patente. Agora reconheço que, quando Êle aflige as pessoas famosas do mundo, o faz para lhes dizer: «Ninguém é privilegiado. Aos meus olhos, todos são iguais.»

É SIMPLES saber se uma carta está bem escrita. Quando a leitura dá a impressão de que estamos ouvindo a pessoa falar, a carta está boa.

—A. C. Benson, em *Along the Road* (Putnam, ed.)